BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série Diplomacia ao alcance de todos



7

AZEREDO DA SILVEIRA

Coleção Divulgação – **INCENTIVO A LEITURA - Distribuição gratuita**

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2008

O organizador

Vamireh Chacon é Professor Emérito da Universidade de Brasília. Estudou e lecionou em universidades no Brasil, Alemanha e Estados Unidos. É autor dos livros, entre outros, *História do Legislativo Brasileiro* (Edições Técnicas do Senado Federal, Brasília), *A Grande Ibéria* (Unesp, São Paulo) e o prefácio da biografia *O Conde de Linhares*, de autoria do Marquês do Funchal (Thesaurus, Brasília).

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.**
SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Nota Biográfica

ANTÔNIO FRANCISCO AZEREDO DA SILVEIRA, mais conhecido como Azeredo da Silveira, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1917 e faleceu no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1999. Foi diplomata de carreira, ministro das Relações Exteriores na presidência Ernesto Geisel de 1974 a 1979, quando o Brasil prossegue a política externa independente percorrendo outra importante etapa, no contexto da distensão política interna rumo à abertura democrática.

Os principais passos naquela fase internacional brasileira tiveram a denominação de pragmatismo responsável e consistiam no rompimento do Acordo Militar

Brasil-Estados Unidos pelo Brasil, o que significou o término desse tipo de ingerência, e na assinatura do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha para transferência tecnológica sensitiva ao Brasil, bem como os reconhecimentos diplomáticos brasileiros da República Popular da China, em lugar de Taiwan-Formosa, e das independências dos países africanos lusófonos ainda em guerra de libertação nacional para obtê-las.

Pragmatismo Responsável

A definição "pragmatismo responsável" aparece pela primeira vez no discurso do presidente Geisel logo na sua primeira reunião ministerial em 19 de março de 1974, quando anuncia "relevo especial ao nosso relacionamento com as nações-irmãs da circunvizinhança de aquém e além-mar", querendo referir-se ao espaço geo-econômico e geo-estratégico dos países vizinhos terrestres do Brasil na América do Sul e marítimos no Atlântico Sul.

Em discurso na sessão de abertura do painel de assuntos internacionais, organizado pela Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados do Congresso Nacional em 1975, o ministro Azeredo da Silveira denunciara o "raciocínio simplista [que] alimentou a Guerra Fria, favoreceu a reapartição do mundo em blocos, estimulou os alinhamentos automáticos e criou o não-alinhamento militante". "Não sumiram as ambições hegemônicas; o direito à auto-determinação tem sido conquistado em oposição à ordem internacional vigente e não ajudado por ela". "O Brasil se recusa a ver o mundo por essas óticas distorcidas que justificam os privilégios de umas poucas nações em detrimento dos legítimos interesses das demais".

A política internacional do Brasil por Azeredo da Silveira assim prosseguia o repúdio ao congelamento mundial antes declarado por seu antecessor, Araújo Castro, retomando em 1968 a política exter-

na independente de Afonso Arinos e San Tiago Dantas de 1962. A crescente deterioração da bipolaridade de então pelo irrompimento policêntrico de outros focos de poder (Japão, China, Comunidade Econômica Européia depois União Européia) e cada vez maiores dificuldades de manutenção da ordem nas respectivas órbitas (pelos Estados Unidos no Vietnã e União Soviética na Tchecoslováquia), além dos conflitos fora de controle nas periferias mais pobres, essa crescente deterioração passara a desafiar cada vez mais o congelamento mundial.

A conclusão de Azeredo Silveira era clara: “Somente a crise revela a inutilidade dos arranjos paliativos e a inadiável necessidade de medidas profundas”, “para a dissipação dos temores irracionais e a disseminação de juízos mais realistas”. Ao Brasil apresentava-se a necessidade, mais que possibilidade, de política externa com geometrias variáveis, no que Azeredo da

Silveira denominava “coreografia da negociação global”.

Norte-Sul em vez de Leste-Oeste

A definição de mudança do eixo da política externa brasileira do Leste-Oeste ao Norte-Sul foi declarada por Azeredo da Silveira no painel da Comissão das Relações Exteriores da Câmara dos Deputados em Brasília, 1975, de modo claro e objetivo, como do seu estilo. Então “a superimposição do conflito Norte-Sul sobre o conflito Leste-Oeste” para “o reconhecimento da necessidade de harmonizar os interesses Norte-Sul”, “condição essencial para que se inicie um processo de reversão nas atuais tendências internacionais”.

Azeredo da Silveira protestava, em nome do Brasil, contra “os alinhamentos automáticos em nome da preponderância dos interesses das nações líderes”, preferindo “identificar claramente e defender os

interesses nacionais [do Brasil] diante de cada problema concreto". Pois, em cada bloco, Leste ou Oeste, a União Soviética ou os Estados Unidos exigiam "alinhamentos automáticos" em troca de "clientelismo, dependência e vassalagem" de todos os tipos. "O Brasil se recusa a ver o mundo por essas óticas distorcidas que justificam os privilégios de umas quantas poucas nações em detrimento dos legítimos interesses das demais".

O Brasil prosseguia a linha de política externa independente, iniciada em 1962 por Afonso Arinos de Melo Franco e San Tiago Dantas, retomada por Araújo Castro em 1968.

Anti-Colonialismo

Em aula inaugural do curso anual da Faculdade de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco em 1976, Azeredo da Silveira explicava que

“Esse comportamento arregimentado [da Guerra Fria] não mais se mostra apropriado aos interesses das nações periféricas, sobretudo daquelas com maior capacidade de projeção internacional”. Entre elas, o Brasil em “Nossas relações com a União Soviética [que] se desenvolvem sobre a exata prática do respeito mútuo e da não-ingerência nos assuntos internos do outro. Temos buscado alargar os terrenos de cooperação possível que, servindo aos interesses econômicos de ambos os países, não criem problemas em outros níveis do relacionamento mutuo”. Azeredo da Silveira estendia o mesmo critério à República Popular da China, para que “sejam profícuas as oportunidades de intercâmbio no interesse recíproco”.

Definido o novo relacionamento com China e União Soviética, a política externa independente do Brasil reaproximou-se do mundo árabe e antecipou-se a Portugal no reconhecimento diplomático da indepen-

dência dos afrolusófonos, a começar por Guiné-Bissau e Angola.

Azeredo da Silveira foi adiante: em 11 de março de 1977, assinava, em companhia do presidente Geisel, o rompimento do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, cancelando a presença de assessores americanos e o fornecimento de equipamentos bélicos dos Estados Unidos ao Brasil. Os americanos revidaram recrudescendo a campanha de protestos contra as violações dos direitos humanos pelo regime então vigente no Brasil, protestos ausentes no auge dele, silêncio outrora em nome do alinhamento automático anti-soviético na Guerra Fria. Dela o Brasil passava a sair pela política do pragmatismo responsável, no contexto da continuação de retomada da política externa independente por Araújo Castro.

O reconhecimento diplomático brasileiro da independência de Angola sig-

nificava o reconhecimento do MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola), sob a chefia de Agostinho Neto, apoiado pela União Soviética e Cuba, em luta contra grupos armados pelos Estados Unidos e África do Sul com o objetivo de tumultuar o processo no conjunto da Guerra Fria.

O Brasil muito se desgastara nas votações de início a favor de Portugal, depois se abstendo, nas reuniões da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) nos debates sobre as independências africanas. Chegava o momento de recuperar e ultrapassar o tempo perdido. Os seguintes presidentes do Brasil prosseguiram essa caminhada. Azeredo da Silveira incluiu a América do Sul nas prioridades brasileiras, conforme explicava em palestra em reunião conjunta das comissões de Economia, Relações Exteriores, Minas e Energia do Senado Federal, ao destacar a prioridade também

da ALALC (Aliança Latino-Americana de Livre Comércio), predecessora do Mercosul.

Acordo Nuclear Brasil-Alemanha

A necessidade de superação da dependência tecnológica já era percebida no cerne da independência econômica, política e militar, principalmente a dependência nuclear. Diante da lentidão na transferência de tecnologia atômica, mesmo para fins pacíficos, por parte dos Estados Unidos e outras dificuldades do gênero com outros países, o Brasil, quando ainda Azeredo da Silveira ocupava o ministério das Relações Exteriores, assinou em 1975 o Acordo de Cooperação Nuclear com a Alemanha, para diversificação das fontes de energia. As primeiras grandes crises globais de sucessivos altos aumentos dos preços internacionais do petróleo, aceleraram a autonomização energética do Brasil iniciada pela cons-

trução das hidrelétricas e prospecções e refinarias da Petrobrás.

Enraizara-se a política externa independente, vindo de 1962 com Afonso Arinos de Melo Franco e San Tiago Dantas, retomada em 1968 por Araújo Castro e continuada por outros na linha de crescente afirmação dos interesses nacionais brasileiros.

Fontes: de autoria de Azeredo da Silveira vide "O Brasil e a Nova Ordem Internacional" na *Revista Brasileira de Política Internacional*", vol. XVIII, nº 69/72, 1975 e "A Política Externa do Governo", *Digesto Econômico*, 30º ano, 1976.



Azeredo da Silveira

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br